

ANEXO II – RESUMO EXPANDIDO**POR UMA ANTROPOLOGIA DOS MUSEUS INDÍGENAS: EXPERIÊNCIAS MUSEOLÓGICAS E REFLEXÕES ETNOGRÁFICOS NO CEARÁ E EM PERNAMBUCO****Apresentação oral****Objeto**

Um dos desafios de uma antropologia dos museus indígenas é relacionar a atribuição de sentidos aos objetos/memórias, como prática social relacionada ao colecionamento, ao debate sobre os limites da representação etnográfica (Gonçalves, 2007, p. 26). Esse avanço teórico é possível através da identificação e análise das categorias nativas construídas nestes processos de apropriação e tradução (Gomes, 2012). É necessário compreender como emergem contra-narrativas através da construção social de significações sobre as lembranças e as *coisas*, analisando as práticas sociais envolvidas na elaboração destas representações sobre si. A criação de museus e o desenvolvimento de processos museológicos protagonizados por movimentos e coletividades indígenas se destaca no cenário nacional e internacional. A partir do momento em que povos indígenas efetuam suas ações museológicas, atribuindo-as sentidos próprios, o discurso colonialista dos museus tradicionais cede espaço para uma construção em primeira pessoa, uma representação dos povos indígenas sobre eles próprios. Isso fortalece uma revisão do papel e significado das coleções etnográficas. Nestes processos, indígenas orquestram a história sob a lógica de seus próprios esquemas, não constituindo museus sobre os índios, mas dos índios: seus pontos de vista sobre suas culturas (Gomes, 2012). As práticas de estudar, coletar e colecionar objetos com o intuito preservação, classificação e exposição, desde cedo estiveram presentes no ofício dos antropólogos; no Brasil poderíamos enumerar várias gerações envolvidas na formação de coleções a partir de pesquisas etnográficas entre populações indígenas. Afinal de contas, os museus indígenas seriam museus etnográficos, se “(...) os objetos etnográficos são criados pela etnografia” (Kirshenblatt-Gimblett apud Velthen, 2012, p.54)?! Se, por um lado, fazem parte de um amplo processo de renovação que atinge o campo museológico, os museus indígenas oferecem, para a Antropologia, configurações específicas do protagonismo representacional pós-moderno, enquanto fenômenos sociais significativos em um momento de rotação nas perspectivas teórico-metodológicas relacionadas às pesquisas sobre objetos e coleções.

A escassez de estudos sobre museus indígenas e a carência de referências bibliográficas e teóricas disponíveis sobre a temática - principalmente em língua portuguesa e/ou sobre as experiências situadas no contexto nacional - caminham na contramão da crescente vitalidade destes processos, da intensa mobilização política e da marcante participação indígena na proposição de políticas públicas. Além disso, os recentes estudos sobre cultura material, empreendidos sob perspectivas conceituais inovadoras, abriram diversos caminhos epistemológicos para a compreensão dos museus indígenas. O objeto de estudo e as problematizações subjacentes a esta apresentação provém de experiências vivenciadas a partir de 2006, quando iniciamos atividades junto aos museus indígenas no Ceará. Em 2010, ingressei no curso de mestrado em Antropologia da UFPE com a proposta de analisar a relação entre musealização e mobilização étnica, através do estudo do sentido e da historicidade dos objetos no Museu dos Kanindé (Aratuba/CE). Nos últimos anos, os trabalhos e pesquisas se ampliaram para Pernambuco e, pouco a pouco, este diálogo vem

atingindo outras fronteiras. A junção de termos designativos aos processos de apropriação dos museus pelos índios já vem ocorrendo em círculos científicos e entre integrantes dos movimentos indígenas. Referidos também como *museus tribais* (Clifford, 2009; Scheiner, 2012), *museus étnicos* (Meneses, 1993, p.216) ou *museus indígenas* (Freire, 2009; Gomes, 2012; Vidal, 2008), problematizamos o significado destes processos museológicos e da própria noção de *museus indígenas*, como categoria nativa, fenômeno social e categoria de classificação.

Objetivo

A apresentação visa compartilhar reflexões etnográficas a partir de experiências com processos museológicos entre populações indígenas no Ceará e em Pernambuco, vivenciadas entre 2006 e 2014, nas condições de indigenista, assessor técnico e pesquisador das áreas de história e antropologia indígenas. Nesta direção, no doutorado em andamento (PPGA/UFPE), pretendemos discutir a relação entre objetos, memória e etnicidade, através do estudo da *ação museológica indígena* presente nos processos de apropriação do “museu” e das experiências de musealização protagonizados por populações indígenas.

Metodologia

Em nossas pesquisas de campo, determinados procedimentos museográficos são compartilhados enquanto ferramentas técnicas para a construção de dados visando a realização de etnografias dos museus indígenas, em processos participativos e colaborativos. Percebemos a riqueza etnográfica desses processos, passíveis de análises variadas, tendo em vista a interação, a participação e a construção coletiva. Nestas atividades, compartilhamos determinados procedimentos técnicos (documentação, expografia etc.) e atuamos diretamente na relação entre memória, referências de patrimônio e as ferramentas de representação, enquanto parte de um trabalho de campo que é etnográfico, mas que também é museológico/museográfico. Em um sentido, estes estudos são tradicionais pesquisas de campo etnográficas, nas quais o pesquisador permanece entre as populações por um período prolongado de tempo. Por outro lado, constituem ações museológicas, na medida em que a interação entre os atores envolvidos e a produção de dados para a pesquisa ocorrem mediante o desenvolvimento dos processos de musealização. Por conta disso, desenvolveremos metodologicamente a noção de *etnomuseografia*, no confronto entre teoria antropológica, a pesquisa de campo etnográfica e ferramentas provindas da museografia, entendida como a parte aplicada da Museologia.

Resultados da pesquisa/experiência/trabalho

Desde 2006, realizo um trabalho de assessoria aos museus indígenas no Ceará e, a partir de 2010, em Pernambuco. Participei da organização de dois deles, na condição de assessor, que foram: a Oca da Memória/Poranga-CE (dezembro/2008) e o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé/Aquiraz-CE (2010), além de ter implementado um núcleo de mediação no Museu dos Kanindé, em parceria com a escola indígena, durante a pesquisa de campo que resultou na minha dissertação de mestrado. Durante minha experiência como professor da UFPE (2011-2013), coordenei o Projeto de Extensão Museus Indígenas em Pernambuco, vinculado à Pro-Reitoria de Extensão/UFPE, e executado através de parcerias com dez povos indígenas em Pernambuco (Atikum, Truká, Fulni-ô, Pankará, Pankararu, Entre-Serras Pankararu, Kapinawá, Pankaiwká, Pipipã e Kambiwá). As atividades foram financiadas com recursos provindos do Programa de Extensão do MEC/SESU (2011) e do Edital de Apoio para Ações Extensionistas Étnico-Raciais (ProExt/UFPE) (2012), resultando na elaboração de 11 diagnósticos museológicos, na publicação de um livro pela UFPE (no prelo) e na realização do *I Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco*.

Bibliografia

CLIFFORD, James. Museologia e contra-história: viagens pela costa noroeste dos Estados Unidos. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). Memória e patrimônio. Ensaio contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 254-302.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.217-253.

GOMES, Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos*. Coleções, Museus, Patrimônios. Rio de Janeiro: 2007 (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

MENESES, Ulpiano Teixeira Bezerra de. A problemática da identidade cultural no museu: de objetivo (da ação) a objeto (do conhecimento). IN: Anais do Museu Paulista (Nova Série, Nº-1). São Paulo: Museu Paulista, 1993, p.207-222.

SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. IN: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas (v.7, n.1, jan.-abr.2012) Belém: MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012, p.15-30.

VELTHEN, Lúcia Hussak Van. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. IN: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas (v.7, n.1, jan.-abr.2012). Belém: MCTI/MPEG, 2012, p.51-66.

VIDAL, Lux Boelitz. O museu dos povos indígenas do Oiapoque – Kuahí. Gestão do patrimônio cultural pelos povos indígenas do Oiapoque, Amapá. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (Orgs.). Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento. Propostas e reflexões museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia do Xingó, 2008, p. 173-182.